

FRASEOLOGIA E PAREMIOLOGIA: UMA ENTREVISTA COM CLAUDIA ZAVAGLIA

Claudia Zavaglia
Guilherme Fromm

FROMM – Como delimitar o campo de atuação da fraseologia e da paremiologia? Os estudos na área são recentes ou apenas o enfoque se concentrou mais?

ZAVAGLIA – Os estudos na área da Fraseologia e da Paremiologia não são recentes, pelo contrário. E sabemos que tudo o que se refere à história é sempre difícil de se resgatar; nesse sentido, o primeiro texto de que tenho notícia publicado no Brasil, no Rio de Janeiro, sobre o assunto é o de Perestrelo da Câmara, de 1848, intitulado *Provérbios, Adágios, Rifãos, Anexins, Sentença Morais e Idiotismo da Língua Portuguesa*.

Até a primeira década do séc. XX, a Fraseologia (deixemos a Paremiologia um pouco de lado neste momento) fazia parte da Lexicologia, que por sua vez vinculava-se à Linguística Aplicada, tendo como área maior de estudos a Linguística. Foi Charles Bally que estimulou os estudos da Fraseologia como disciplina, nesse momento histórico, quer dizer, deu o pontapé inicial para que as unidades fraseológicas fossem vistas e entendidas como unidades de sentido pela conjugação de todas as suas unidades e não uma a uma.

Em meados do séc. XX, na antiga União Soviética, os estudiosos começaram a considerar a Fraseologia como uma disciplina autônoma e não mais como sendo uma subárea da Lexicologia. Com efeito, iniciaram-se os estudos dos modismos russos e das parêmiias com Lomonósov, segundo Tristá Pérez. Nos anos que se

seguiram, vários estudiosos de diversos países se interessaram pelos estudos da Fraseologia, suas características, tais como a fixidez, a idiomaticidade, entre outros. Saussure mencionou a existência de expressões que não aceitavam modificações na língua e então Vinográdov iniciou os estudos dessa disciplina de forma sistematizada.

As observações e os textos produzidos por Vinográdov foram difundidos pela Europa devido a A. V. Isačenko, que, além de difundir a tipologia das expressões fraseológicas, observou-as também àquelas que eram equivalentes a frases fixas e provérbios, chamadas por ele de *clichés-phrases*, segundo Marušinová (2014). E foi nesse momento, ao que tudo indica, que o olhar voltou-se também aos estudos paremiológicos e que talvez possa ter sido o ponto inicial para o surgimento da Paremiologia (voltando a ela então, aqui).

Dito isso, acredito que exista sim uma retomada a esses estudos, talvez com um enfoque mais delimitado como suscita a questão, já que os trabalhos que tenho visto na área estão preocupados em descrever um determinado campo lexical ou até mesmo um domínio específico, visto que a Fraseologia (acredito que a Paremiologia não) também encontra expoentes em unidades fraseológicas especializadas.

Tanto a Fraseologia quanto a Paremiologia possuem em comum o seu objeto de estudo, ou seja, as unidades fraseológicas, sendo que a primeira debruça-se, mais comumente, sobre as expressões idiomáticas, locuções, frases feitas e rotineiras e a segunda sobre os provérbios, aforismos, ditados, máximas, entre outros. Entretanto, nem sempre é fácil encontrar as linhas limítrofes que separam uma expressão idiomática de um provérbio, uma frase feita de um ditado e assim por diante; de fato, elas são tênues e muitas vezes se confundem. O ideal seria que os campos de atuação de uma e de outra área convergissem e não divergissem. A meu ver, tudo é fraseologismo e como tal deveriam ser entendidos, tratados, estudados e denominados.

FROMM – Em relação à abordagem e/ou metodologia a serem desenvolvidos para levantamento e tratamento de fraseologismos e/ou parêmiias, o que você recomendaria para o pesquisador iniciante que esteja começando os estudos na área?

ZAVAGLIA – Antes de mais nada, que leia e se inteire dos estudos lexicológicos, como ponto de partida, pois ninguém poderá se lançar na Fraseologia e/ou Paremiologia sem ter a noção básica do que é léxico, palavra, lexia, lexema, sistema linguístico, norma, cultura, morfologia, semântica, etc. Em segundo lugar, que busque os expoentes da literatura das duas áreas e também os leia. Isso é o básico para qualquer iniciante.

Se, por outro lado, o iniciante passará a ser pesquisador, aí sim ele deverá se interessar sobre qual abordagem gostará de aplicar em seu trabalho com os fraseologismos e, a partir dela, qual o tipo de metodologia a ser usado.

Nos últimos anos, tenho visto alguns trabalhos seguindo a linha da abordagem discursiva, ou seja, o ensino de fraseologismos em sala de aula, também denominado de Fraseodidática. Trata-se, em sua maioria de dissertações ou de teses que propõem novas propostas de ensino principalmente de expressões idiomáticas que objetivam levar o aluno, desde a identificá-las bem como a decodificá-las no texto. Em geral, esse tipo de atividade é negligenciado nos livros didáticos adotados e os professores se esforçam em produzir, em paralelo, material extra sobre o argumento.

Os estudos fraseológicos têm se aliado cada vez mais à Linguística de *Corpus*, principalmente no que diz respeito ao levantamento das unidades fraseológicas em grandes *corpora*, uma vez que um *corpus* possui uma grande quantidade de ocorrências de palavras e é por meio do levantamento de concordâncias dessas unidades lexicais com outras que surgem os padrões lexicais e gramaticais que se tornam frequentes pela repetição que aparecem nos textos ali presentes. A partir desses padrões, é possível que se identifiquem locuções, expressões idiomáticas, colocações.

FROMM – Como você vê a questão de inserção de parêmsias e fraseologismos nas macro- e microestruturas nos dicionários gerais de línguas? Há a necessidade de obras específicas para esses dois tipos de estudos lexicais ou a inclusão dos mesmos em obras tradicionais é factível?

ZAVAGLIA – Essa é uma questão bastante delicada na Lexicografia Moderna, a meu ver, e bastante importante, já que os fraseologismos não têm uma posição fixa em dicionários gerais monolíngues, sejam eles locuções, expressões idiomáticas ou provérbios. A tradição lexicográfica no Brasil registrou, até meados do séc. XXI, essas unidades lexicais na microestrutura do verbete, sendo a subentrada, o lugar preferido para elas, e excepcionalmente na macroestrutura, quando o lema era alguma expressão, por vezes, em latim. Exemplo do que digo é a última publicação do dicionário Houaiss eletrônico, que data de 2009, em que as únicas unidades lexicais com mais de dois itens sem hífen, salvo maior juízo, em sua nomenclatura são latinismos: *ad judicium*, *ad libitum*, *ad litem*, *ad litteram*, *ad majorem Dei gloriam*, *ad mensuram*, *ad multos annos* ou outros estrangeirismos, tais como: *blue chip*, *blue jeans*, *cash flow*. As outras entradas com mais de dois itens lexicais são as compostas e formadas por hífen, tais como: *afro-brasileiro*, *boca-de-leão*, *castanha-do-pará*. O que se vê, portanto, é um dicionário moderno, em pleno séc. XXI, “vivendo exatamente como seus pais”.

Por outro lado, observamos uma mudança em nossa Lexicografia, a meu ver, bastante positiva, quando dicionários como Aurélio Eletrônico (2010) e Caldas Aulete *on-line* inserem em suas macroestruturas a expressão *maria vai com as outras* como entrada independente, e categorizada como substantivo de dois gêneros e de dois números, ao passo que no Houaiss, é registrada como locução. O mesmo se observa com *maré me leva maré me traz*. O dicionário Aurélio (2010), em sua versão eletrônica, além de contemplar em sua macroestrutura todo o tipo de entrada que o Houaiss traz, inovou e incluiu entradas do tipo: *menina dos olhos*, *mesinha de cabeceira*, *mesinha de centro*, *obra de arte*, *nem sei que diga*, entre várias outras.

Embora as entradas *maria vai com as outras*, *maré me leva maré me traz*, *nem sei que diga* pareçam expressões idiomáticas, por exemplo, elas foram categorizadas como substantivos. Isso demonstra que não houve, ainda, inserção de expressões idiomáticas ou provérbios na macroestrutura do dicionário Aurélio. De fato, essas unidades fraseológicas encontram-se na microestrutura do verbete, mais frequentemente, como subentradas.

Em relação ao registro lexicográfico de parêmsias, parece-me que cada caso é um caso, como se fossem “tipos lexicais” distantes e díspares e que, por isso mesmo, um tratamento diferenciado deve ser dado para cada um deles, fato esse que não padroniza e torna disforme qualquer tipo de dicionário geral em relação à inserção e à sistematização de suas unidades léxicas. Certo está que um provérbio será inserido na microestrutura do verbete, mas de qual entrada e em qual posição, será sempre um mistério.

Acredito que os fraseologismos devam ser incluídos em dicionários gerais de língua, mas urge a necessidade de sistematizá-los para isso. Não estou dizendo que se deva haver “regras únicas” e que todos os dicionários devam segui-las. Trata-se sim de cada dicionário sistematizar seus fraseologismos e informar seu consulente a sua forma de inserção e como deve ser realizada a sua busca. Com o avanço da tecnologia, os dicionários on-line e eletrônicos não deveriam mais ter problema de espaço, como era então no passado com a impressão em papel. Dessa feita, o maior número de fraseologismos deveria ser incluído nos dicionários de língua geral. Com o avanço também dos recursos computacionais, novos expedientes podem ser pensados e inseri-los na macroestrutura sem dúvida alguma facilitaria sobremaneira a vida do consulente dessas obras de referência.

Dicionários especiais são e serão sempre bem-vindos em qualquer Lexicografia. Dessa forma, produzir dicionários específicos é uma maneira de enriquecer a cultura lexicográfica de nosso país e aprofundar estudos lexicais em um determinado campo lexical ou domínio do saber, como falei anteriormente.

FROMM – Como você vê a possibilidade de publicação de obras plurilíngues voltadas para parêmsias e fraseologismos? Qual seria a melhor mídia de saída e como elas podem ajudar os tradutores?

ZAVAGLIA – A possibilidade de publicação de obras plurilíngues voltadas para parêmsias e fraseologismos é totalmente factível, tanto é que há algumas obras no mercado plurilíngues (acho que o mais famoso é o *Dicionário de Provérbios* do Lacerda). Contudo, o que se vê são obras com duas, três ou no máximo quatro línguas sendo utilizadas nas obras, o que é justificável, dado o trabalho e a seriedade que devem ser levados em consideração para a elaboração de uma obra desse tipo. Há muito trabalho a ser feito nesse sentido.

Nos dias de hoje, não vejo outro mídia de saída que possa ajudar os tradutores e os professores de língua ou mesmo de tradução que não seja a *on-line* ou a “descarregável”, porque até mesmo a eletrônica, em CD, parece estar com os dias contados.

FROMM – Você poderia nos fornecer algumas indicações de textos básicos para que o leitor pudesse compreender melhor essas duas subáreas dos estudos lexicais?

BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas: estado da questão em relação a sua definição, denominação e critérios de seleção. *Tradterm*, 11, 2005, p. 237-253. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49689/53800>

CANSANÇÃO, J.; MARQUES, E. A. As locuções: uma breve discussão sobre o seu lugar na Fraseologia. *Domínios de Lingu@gem* - vol. 9, n. 5 (dez. 2015)

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996. *Domínios de Lingu@gem*. Fraseologia e Paremiologia. ZAVAGLIA, C. (Org.). vol. 8, n. 2 (jul/dez 2014). Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/issue/view/1209>

GARCIA, D. M. *Fraseología bilingüe: um enfoque lexicográfico-pedagógico*. Granada: Editorial Comares, 2006.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

TRISTÁ, A. M. *Fraseología y Contexto*. Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.